

PARTICULARIDADES MORFOSSINTÁTICAS DO PORTUGUÊS DE ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Eberhard Gärtner
Univ. de Leipzig - Alemanha

1. Bases teóricas

A base teórica da nossa análise é um conceito funcional da língua, que distingue em cada enunciado dois lados: o lado do conteúdo (semântico e pragmático) e o da expressão formal (sintática, morfológica, fonológica, supra-segmental).

Consideramos o predicado como eixo estrutural do enunciado, que predetermina em grande medida a estrutura do mesmo e desempenha também uma função central na inter-relação entre os dois níveis do enunciado.

O lado semântico do predicado é constituído por um complexo de traços semânticos, que no ato da fala ou escrita é materializado pelas formas sintáticas do predicado: os predicados verbal, nominal e verbo-nominal, aos quais acrescentamos o predicado de verbo funcional do tipo *dar um passeio, fazer uma pergunta* etc.¹

O significado de muitos lexemas predicativos não é saturado. Abre um certo *número de lugares vazios* para os chamados *actantes*, elementos nominais que completam o sentido do lexema predicativo e que têm a sua *função semântica* assim como certos *traços semânticos* determinados pelo lexema predicativo. O conjunto destas determinações costuma designar-se de *valência semântica* do predicado, a qual organiza, como se sabe, os traços essenciais da estrutura semântica do enunciado.

Da valência semântica distinguimos a *valência sintática*, a qual predetermina em grande medida a estrutura sintática da oração, atribuindo aos actantes uma *função sintática* e, através desta, uma *forma sintagmática*, assim como o carácter *opcional* ou *obrigatório* da presença do actante na estrutura sintática. Desta maneira constituem-se também as *orações compostas* ou *períodos*² com subordinadas substantivas e alguns tipos de subordinadas adverbiais.²

Além dos constituintes e orações dependentes da valência do predicado, podem ocorrer elementos livres como certos adjuntos adverbiais (também sob forma oracional), anexos predicativos, dativos livres etc.

Será de acordo com este nosso quadro teórico que trataremos das particularidades sintáticas e morfológicas do português africano.

Como particularidades entendemos, numa primeira aproximação, quaisquer “desvios” da norma do português europeu, independentemente da sua ocorrência ou não em outras variedades do português, nomeadamente na do Brasil.

2. O corpus

Baseamos a nossa análise essencialmente em três fontes:

1. na análise das “Cartas do leitor” da revista “Tempo” de Maputo;
2. na análise da “linguagem dos musseques” tal e como se manifesta nas obras dos escritores Luandino Vieira, Pepetela e Jofre Rocha;
3. análises lingüísticas feitas por linguistas africanos, nomeadamente Perpétua Gonçalves (Maputo) e Irene Guerra Marques (Luanda).

1. Particularidades no âmbito do predicado

No processo da codificação de conteúdos do pensamento, a lexicalização do predicado semântico desempenha um papel central. Embora, de uma maneira geral, este processo seja o mesmo em todas as variedades do português, o português africano apresenta, a nosso ver, três particularidades:

A primeira é a *lexicalização separada de sememas*:

- (1) O empregado *pela sua resposta disse*: ... (Tempo 528, 49)

No exemplo (1), estão lexicalizados, de maneira separada, o arqui-semema do campo lexical dos *verba dicendi* pelo verbo *dizer* e os modificadores semânticos que perfazem o significado específico do verbo *responder*, pelo sintagma *pela sua resposta*. Supomos que esta lexicalização se deva à influência do adstrato banto.³

A segunda particularidade é a *lexicalização pleonástica de significados predicativos*, do tipo “*a chuva chove*”,⁴ que encontramos no exemplo (2):

- (2) [...] dois dias iam *passar sem a chuva chover* (Vieira 1963, 11)

O terceiro caso é a constituição de *predicados com o verbo funcional 'pôr'*, inusitados no português padrão e possivelmente criados com base num modelo banto⁵:

- (3) [...] vavó *pôs um grito* pequeno (Vieira 1963, 12)⁶

1.2. Particularidades na realização das categorias verbais

1.2.1. Concordância do verbo com o seu sujeito em número

Tanto em Angola como em Moçambique encontramos desvios das regras da *concordância em número*:

- (4) elas come banana (Guerra Marques 1985:220)

- (5) os granizo começou (Gonçalves 1985: 249)

A professora Guerra Marques (1985:220) explica o fenómeno pela “ausência da flexão verbal nas respectivas línguas maternas”, onde os pronomes pessoais são “prefixos concordantes do sujeito”,⁷ explicação que coincide com aquela que foi dada pelo prof. Chaves de Melo para o mesmo fenómeno da linguagem rural e popular brasileira.⁸

Quando o verbo no singular precede um sujeito plural, a falta de concordância encontra algum apoio no fato de a norma tolerar o emprego do singular com sujeitos singulares coordenados⁹.

- (6) [...] *faltava-lhe os talheres* (Tempo 533, 34)

- (7) [...] *apareceu-me em redor do prato umas moscas* [...]. (Tempo 528, 47)

A falta de concordância em construções pseudo-reflexivas

- (8) [...] *constata-se problemas* graves (Tempo 530, 44)

- (9) [...] *verifica-se algumas anomalias* (Tempo 703, 55),

considerada durante muito tempo um desvio da norma literária¹⁰, não constitui uma particularidade africana, devida que é, segundo o prof. Said Ali, a uma tendência do português para encontrar uma maneira de expressar o sujeito indeterminado de verbos transitivos, explicação aliás hoje integrada na moderna gramática portuguesa.¹¹

1.2.2. A concordância do verbo com o sujeito em pessoa

Os desvios da *concordância em pessoa* são vários.

Segundo a prof^a Gonçalves (1985: 249), em Moçambique, o emprego da 3ª pessoa do singular com o pronome *eu* é “o traço mais estável” dentre os desvios notados:

(10) eu esperou (Gonçalves, 249)

Também se dá em Angola:

(11) Eu anda sempre com patrão. (J. Rocha 1980, 30)

Tanto em Angola como em Moçambique, a 2ª pessoa do singular aparece com pronomes sujeito que exigem outra pessoa do verbo:

(12) somos nós que hás-de lutar contra os inimigos (Leiste in Perl 1989: 131)

(13) eu brincas na rua (Guerra Marques 1985: 220)

Um fenômeno bastante constante é o emprego da *segunda pessoa do singular* com *palavras de tratamento social* que na norma exigem a terceira pessoa do singular, que se registra tanto em Angola como em Moçambique: Angola:

(14) *Você tens* é raiva! (Vieira 1963, 28)

(15) [...] *you* aquele dia não *foste* pôr mentira na mamã [...]? (Rocha 1980, 12)

(16) *O menino foste* no branco sô Souto, *foste*? (Vieira, 1963, 13)

(17) *Vavó me disseste* para eu ir lá [...]. (Vieira 1963, 14)

(18) *O amigo estás* pedir. (Vieira 1963, 41)

Moçambique:

(19) *O senhor* não venha fazer perguntas de limpeza, [...] mas *vieste* simplesmente para almoçar. (Tempo 528, 47)

A prof^a Gonçalves que, com base num inquérito sociolinguístico constatou também o “fato de a 2ª pessoa ser utilizada em certo tipo de situações formais que objetivamente a excluem” (Gonçalves 1985: 250), acrescenta no entanto que os resultados obtidos do inquérito “indicam que, de maneira geral, a 3ª pessoa tende a ser mais utilizada do que a 2ª” (ibidem), abrangendo também situações de comunicação “nas quais o uso da 2ª pessoa poderia prevalecer” (ibidem).

O fenômeno parece extremamente interessante, sobretudo quando comparado com a evolução do português rural e popular do Brasil, onde também se deu um como que colapso do sistema de tratamento, mas com o resultado oposto. Aqui, como é sabido, em grandes áreas do país, se generalizou a desinência da 3ª pessoa do verbo, chegando mesmo a combinar-se com o pronome *tu*.¹²

Pensamos que a diferença dos resultados se deve principalmente ao fator tempo. O português se consolidou no Brasil numa fase, em que, segundo Teyssier (1982: 72), o tratamento *vossa mercê* ia substituindo o vosea-

mento respeitoso, passando ao mesmo tempo a *você* por erosão fonética e a assumir o tratamento familiar por erosão semântica. No Brasil, esta evolução chegou a tornar *você* sinônimo de *tu*, o qual, por consequente, passou a aceitar também a 3ª pessoa do verbo, enquanto que em Portugal até hoje *tu* e *você* mantêm um significado nitidamente diferente. Foi este sistema de tratamento mais diferenciado que foi levado a Angola e Moçambique em fins do século XIX. É de supor que devido à condição social do homem africano dentro do sistema colonial, o tratamento mais freqüentemente dispensado a ele pelo branco português fosse o *tu* seguido da 2ª pessoa do verbo, de maneira que esta forma chegou a ser generalizada com todos os sujeitos possíveis e naturalmente com a forma de tratamento informal de significado mais próximo, que é *você*.

Como no Brasil, uma consequência desta evolução é o fato de o emprego dos pronomes oblíquos e dos adjetivos possessivos oscilar entre a 2ª pessoa e a 3ª:

- (20) – Então *você menino*, não tens mas é vergonha! Ontem não *te* disse dinheiro acabou? Não disse *para o menino* adiantar aceitar um serviço mesmo de criado. Não *lhe* avisei, *diz só*, não *lhe* avisei? (Vieira 1963, 13)
- (21) – *Você* pensas eu sou da *tua* família, pensas? Que sou dessas que deitam no capim, paga cinquenta vem dormir comigo? Pensas? *Seu* sacana, *seu* vadio de merda, vagabundo, vadio, não *tens* vergonha, chulo de *sua* avó, *seu* pele e osso! (Vieira 1963, 30)

1.2.3. Flexão do infinitivo

Em textos escritos por pessoas com pouca prática no uso da linguagem escrita encontramos por vezes uma redundância na designação das categorias pessoa e número, realizada tanto no verbo finito propriamente dito, como no infinitivo.¹³ O fenômeno se dá independentemente da função sintática do infinitivo, podendo ocorrer até nas chamadas construções perifrásticas

- (22) [...] *vamos todos incorporar-mos* nas Forças Armadas de Moçambique [...]. (Tempo 703, 54),

assim como em orações reduzidas de infinitivo:

- (23) [...] os namorados *procuram conhecerem-se* [...] (Tempo 681, 51)
- (24) [...] *não sabemos como lavarmos* os depósitos de água [...]. (Tempo 433, 3)

Embora não se trata de erros gramaticais propriamente ditos, é de notar que os casos acontecem com mais freqüência em textos africanos do que em textos procedentes de Portugal.

Neste contexto cabe mencionar também a flexão do infinitivo em formas do futuro com pronome mesoclítico:

(25) *Esquecermo-nos-emos* [...]. (Domingo, Maputo, 29.12.85, 2)

1.2.4. Emprego dos modos na oração independente ou principal

No emprego dos modos se observa uma tendência para substituir o subjuntivo pelo indicativo, que se manifesta com o advérbio *talvez* antecedendo o verbo:

(26) *Talvez* mesmo que *ouvem* a nossa rádio. (Pepetela 1981, 27)

(27) [...] *talvez* aquele professor *trabalhava* a muitos quilômetros daquela feira [...] (Tempo 508, 59),

mas sobretudo nas *orações imperativas negadas*:

(28) *Não goza*, Inácia [...]. (Vieira 1963, 54)

(29) Cala a boca, *não chora* [...] (Pepetela 1981, 181)

(30) Aqui dentro, *não vem* dizernos o que devemos ou não fazer. Aqui só há uma pessoa que dá ordens: sou eu. (Hamade Chamisse in: Gostar de ler: 50)

Como o fenômeno parece não se dar em Portugal¹⁴, existindo, no entanto, na linguagem rural e popular do Brasil¹⁵, pensamos estar, mais uma vez, em frente de um caso de simplificação do sistema flexional do português, devido à inexistência da respectiva categoria nas línguas banto.

2. Particularidades da valência dos verbos

2.1. Número de lugares vazios e da função semântica dos argumentos

No português africano, podemos observar dois processos opostos: 1º o *aumento* do número de lugares vazios abertos por um predicado e 2º a sua *redução*.

No primeiro caso, um verbo de sentido processual, de um lugar, passa a designar também o semema causativo, de dois lugares:

(31) [...] o *riso saltava*-lhe (= fazia-lhe saltar) *as mamas secas* [...]. (Vieira 1963, 21)

- (32) [...] *essa árvore* ainda tinha coragem e força para [...] crescer (= fazer crescer) *suas folhas verdes sujas* [...]. (Vieira 1963, 25)

No segundo caso, um verbo causativo, de dois lugares, passa a designar também o semema processual, de um lugar, expresso, na língua padrão, pela forma pronominal do verbo:

- (33) [...] *os bilhetes esgotaram* (= esgotaram-se) (Tempo 533, 32)
 (34) [...] *os olhos encheram* (= encheram-se) de água (Vieira 1963, 15)¹⁶

Nos dois casos vemos uma alteração da função semântica dos actantes, uma vez que os verbos processuais só se combinam com um portador do processo (= paciente), os verbos causativos, no entanto, com um agente e um paciente.

Outro caso de ampliação de sentido é o *emprego impessoal do verbo 'ter*, o qual, além de designar a relação de posse, passa a designar também a *existência*, abrindo só um lugar vazio para o ser existente, tornando-se sinónimo do verbo *haver*.

- (35) No armazém dele *tem tudo*. (Tempo 681, 46)
 (36) Na Baixa não *tem árvores*. (Vieira 1963, 23)

O fenómeno, detectável no português quinhentista¹⁷ e muito frequente na linguagem corrente brasileira, tem sido explicado como resultado de um longo processo de transferência das funções sintáticas do verbo *haver* para o verbo *ter*¹⁸.

Para Angola e Moçambique, onde o estabelecimento de uma relação com o português quinhentista carece de base na história social¹⁹, parece mais razoável considerar o fenómeno como resultado do contato lingüístico. Dada a sinonímia parcial dos verbos *ter* e *haver*, os aloglotas terão preferido as formas mais tônicas do verbo *ter* às do verbo *haver*, generalizando, assim, uma tendência já existente. Essa explicação encontra apoio no fato de o fenómeno ser também geral nos crioulos²⁰.

2.2. Eliminação de restrições semânticas

Por vezes encontramos a eliminação de restrições semânticas do predicado sobre os actantes.

No exemplo (37), o verbo *acontecer*, combinável, na norma europeia, somente com um actante que tenha o traço semântico [+processo], aparece com o substantivo *aspecto* que carece deste traço:

- (37) [...] eliminar estes *aspectos* que lá *acontecem*. (Tempo 682, 45)

No exemplo (38)

- (38) [...] quando *falamos que o Socialismo é a única forma* para o nosso desenvolvimento econômico [...]. (Tempo 433, 5)

o verbo *falar* rege uma proposição subordinada, que designa o conteúdo da informação, complementação que não admite no português europeu.²¹

2.3. Valência sintática

2.3.1. Eliminação de restrições sintáticas

Nos exemplos (39) e (40) observamos que os verbos *agüentar* e *iniciar*, que na norma europeia só admitem, na posição de objeto, um sintagma nominal com núcleo abstrato²², têm essa restrição eliminada, admitindo também uma construção de infinitivo, sem que haja uma alteração do significado do verbo e dos actantes.

- (39) o cobrador nem *aguentava vender* os bilhetes por estar totalmente embriagado. (Tempo 528, 47)
- (40) [...] a pessoa que *iniciasse trabalhar* [...] (Tempo 682, 47)

2.3.2. Função sintática dos argumentos e a sua designação formal

No português padrão, nem sempre a relação entre as funções semânticas e sintáticas dos actantes é simétrica, no sentido de que para cada função semântica haja uma realização sintática típica (p.ex. AGENTE ⇒ Sujeito, LOCATIVO / CAUSA ⇒ Adverbial). Assim, p.ex., o verbo *conter* tem o LOCATIVO designado pelo sujeito, o verbo *abranger* tem-no designado pelo objeto; com o verbo *sentir*, a CAUSA é designada pelo objeto (sinto muito que...) e com a expressão *fazer chegar ao conhecimento de alg.* o CONTEÚDO comunicativo é designado pelo objeto direto.

No português africano podemos observar alterações da função sintática, as quais, muitas vezes, visam o estabelecimento de uma relação mais direta entre as funções semânticas e sintáticas. Resta por investigar o papel da interferência das línguas africanas neste processo.

Assim, nos exemplos (41) a (44) o LOCATIVO dos verbos *conter* e *abranger*, a CAUSA do verbo *sentir* e o CONTEÚDO comunicativo de *fazer chegar ao conhecimento* são designados por adverbiais:

- (41) [...] uma página [...] *onde* (= que) deve *conter* não só a publicidade dos conjuntos [...]. (Tempo 508, 57)

- (42) [...] a carência de trocos em moeda *abrangem em toda* (= abrangem toda) *a nossa República* [...]. (Tempo 433, 3)
- (43) *Sinto bastante com a sujidade existente* (= a sujidade existente) [...]. (Tempo 438,5)
- (44) [...] *fazer chegar ao conhecimento* de todos *sobre* aquilo que tenho verificado. (Tempo 433, 2)

Da mesma maneira, o emprego da preposição *para* introduzindo orações subordinadas ou construções de infinitivo designando o CONTEÚDO EXORTATIVO, conhecido em Portugal pelo menos desde o século passado²³ e muito estendido no Brasil²⁴, se estendeu, no português africano, aos verbos *decidir*, *propor*, *recomendar*, *apelar*, *avisar*, que no português normal ainda não aceitam esta preposição:

- (45) A FMF que *decidiu para que o jogo fosse realizado* no campo de Vilanculo não *disse para* a maior parte dos *espectadores irem invadir* o campo. (Tempo 682, 48)²⁵

Em certos casos é óbvia a *analogia com verbos de significado semelhante*. Assim, em (46) é a analogia com o verbo *ser* que leva à interpretação do objeto como predicativo²⁶, e em (47) é a analogia com o verbo *existir*²⁷ que leva a interpretar o objeto como sujeito.²⁸

- (46) Isto tudo *significam* vitórias [...]. (Tempo 437, 2)
- (47) Como e onde aparecem essas *moedas* de escudo que há tempos atrás não *havam* no mercado. (Tempo 532, 53)²⁹

Também se observa a *analogia com verbos antônimos: isolar a/c. com a/c.* por analogia com *ligar a/c. com a/c.:*

- (48) [...] isolado telefonicamente *com a capital* (Tempo 529, 54)
divorciar-se com alg. por analogia com *casar (-se) com alg.:*
- (49) [...] jovens recém-casadas que [...] se divorciam *com os seus esposos*. (Tempo 528, 48)

No exemplo (50)

- (50) Eles [...] querem *aproveitar desviar* (em vez de: para desviar) os menos esclarecidos [...]. (Tempo 417, 3)

observamos a *transferência da função sintática* de objeto direto, que normalmente designa o MEIO, mas que não vem lexicalizado na frase dada, ao infinitivo, que, acompanhado da preposição *para*, costuma designar a finalidade.³⁰

Em (51) a CAUSA da desculpa assume a preposição *a*, que caberia ao destinatário não expresso:

(51) [...] peço desculpas *ao tempo roubado*. (Tempo 533, 44)

No caso do verbo *assistir*, que na norma portuguesa apresenta dois sememas, cada qual com a sua realização sintática³¹, acontece uma *generalização do quadro distribucional* transitivo-direto do semema “presenciar”³²:

(52) Assisti *danças*. (Redação escolar, in: “Independência, 6)

(53) [...] não assisti *os casos* como passaram [...]. (Vieira 1963, 39)

3. Particularidades na estrutura do sintagma nominal

Na estrutura do sintagma nominal, o “desvio” mais importante é a redução da designação do *número* ao primeiro elemento do sintagma, fato bem conhecido da linguagem popular e rural brasileira³³:

(54) os pai, as casa, os pioneiro, as camarada (Guerra Marques 1985: 219)

(55) [...] os branco não aceitam (Vieira 1963: 20)

(56) os caderno, os granizo (Gonçalves 1985: 249)

Guerra Marques explica o fato como produto da interferência das línguas banto, nas quais o plural do substantivo é expresso por um prefixo que designa a classe e o número. Esta explicação coaduna perfeitamente com as interpretações dadas ao caso brasileiro pelos prof. Chaves de Melo³⁴ e Silva Neto³⁵.

À mesma causa há de atribuir-se a falta de concordância em *gênero*, que a prof^a Guerra Marques só registra para os possessivos, dos quais diz não terem flexão de gênero, donde a falta de concordância em casos como:

(57) meu mãe, minha pai (Guerra Marques 1985: 219/220)

que lembram o mesmo fenômeno da linguagem rural brasileira³⁶, e as transcrições, dadas por Silva Neto, do pidgin colonial com base indígena³⁷ e africana³⁸, respectivamente.

Outro fenômeno a mencionar é a *omissão do artigo*, registrada pela prof^a Gonçalves no português moçambicano:

(58) tinha cortado cabelos (Gonçalves 1985: 249)

mas também freqüente na linguagem dos musseques:

(59) Todos [os] dias nas farras, [o] dinheiro que você ganhaste foi para camisa de suingue [...]. (Vieira 1963: 14)

Quanto aos possessivos, na linguagem dos musseques, nota-se uma nítida preferência pelas formas *dele(s) / dela(s)*:

(60) [...] nuvens que não tinham despejado a água delas (Vieira 1963: 12), que pode encontrar a sua explicação no fato de nas línguas banto o possessivo seguir sempre o substantivo.³⁹

4. Particularidades na realização pronominal dos actantes

As particularidades no uso dos pronomes de objeto se referem tanto à sua forma como à sua colocação.

4.1. Forma dos pronomes objeto

O 1º fenômeno a ser notado é a neutralização das oposições de caso e gênero na terceira pessoa, que leva ao emprego dos pronomes *lhe/lhes* como objeto direto, além de indireto.

- (61) Sô Souto recebera-*lhe* bem. (Vieira 1963, 14)
- (62) Pedia que me esclarecessem qual o motivo que *lhes* leva a deixar os espectadores fumarem nesta sala de cinema. (Tempo 709, 44)
- (63) Mas ele já tinha vestido outra vez a camisa, bonita camisa, amarela e florida, todas as miúdas olhavam em Zeca Santos quando *lhe* (=a) usava, [...]. (Vieira 1963, 14)
- (64) [...] cozinhou aquelas batatas e comeu-*lhes* (=as) todas. (Vieira 1963, 19)
Também se usa com referência à pessoa com quem se fala:
- (65) Cala-te a boca, menino! Você pensa que eu não *lhe* conheço, enh! (Vieira 1963, 13)

Em Angola, o fenômeno está tão vulgarizado, que a profª Guerra Marques (1985: 22) se sente inclinada a considerá-lo já uma marca do português angolano.

A confusão entre as formas de dativo e acusativo encontra a sua explicação no fato de as línguas banto não terem essa distinção de casos (Guerra Marques 1985: 222). Para explicar o fato de, na escolha, os aloglotas terem preferido as formas de dativo às do acusativo, parece-nos plausível a interpretação fonológica fornecida pelo prof. Mattoso Câmara.⁴⁰

O 2º fenômeno é o emprego da forma *tônica* precedida da preposição *a* para designar o objeto indireto⁴¹:

- (66) Diz *a ela* não precisa ter vergonha [...]. (Vieira 1963, 15)

(67) Então pedi tratamento *a ela* [...]. (Tempo 682, 45)

Consideramos esta substituição uma conseqüência da polissemia adquirida pelo pronome *lhe*⁴².

O 3º fenômeno é o *emprego pleonástico do pronome átono* na linguagem dos musseques, do qual não conhecemos exemplos portugueses nem moçambicanos e para o qual ainda não temos explicação satisfatória.⁴³

(68) A chapada *me* acordou-*me* no coração. (Vieira 1963, 43)

(69) [...] o chicote *te* apanhou-*te*. (Vieira 1963, 34)

(70) [...] onde é que *lhe* apanhei-*lhe* não sei. (Vieira 1963, 57)

4.2. Sobre a colocação dos pronomes átonos em orações independentes ou principais de período

Em orações independentes ou principais de período encontramos três desvios da norma portuguesa;

- 1º uma clara preferência pela próclise
- 2º a ênclise em orações negadas
- 3º a substituição de mesóclise pela ênclise

4.2.1. Preferência pela próclise

São freqüentes exemplos como:

(71) Você *me dá* encontro [...]. (Vieira 1963, 28)

Quando não há sujeito explícito, o pronome pode mesmo ocupar a posição inicial da frase:

(72) *Me liga* só um bocado. (Vieira 1963, 54)

(73) *Te avisei* ainda para lá ir [...]. (Vieira 1963, 13)

(74) *Lhe conheço* bem [...]. (Vieira 1963, 12)

Em locuções perifrásticas, o pronome aparece em posição proclítica ao infinitivo:

(75) [...] vou *lhes cozer*. (Vieira 1963, 16)

Segundo a opinião da profª Guerra Marques⁴⁴ e do escritor angolano Luandino Vieira⁴⁵, a próclise do pronome átono se explica pela interferência das línguas banto, onde o pronome equivalente sempre se antepõe ao verbo⁴⁶. Pensamos que para o português africano, esta é a única explicação

plausível do fenômeno, não havendo na história social dos povos em causa base para relacioná-lo com o português arcaico.

4.2.2 Ênclise em orações negadas

Não são raras as vezes que encontramos o pronome em posição enclítica nas orações negadas:

(76) *Você não tiraste-lhe nada.* (Vieira 1963, 15)

(77) *Não goza-me, senhor!* (Vieira 1963, 46)

(78) *Não dá-lhe corrida!* (Vieira 1963, 43)

Não temos, no momento, explicação satisfatória para o caso, uma vez que parece contradizer a mencionada tendência para a próclise.

4.2.3 Substituição da mesóclise pela ênclise

Nas formas do futuro do presente e do pretérito não é raro encontramos o pronome em posição enclítica:

(79) Em minha opinião *deveria-se* levar a sério [...]. (Tempo 703, 25)

(80) [...] *seriam-lhes* confiscado todo o dinheiro roubado. (Tempo 682, 48)

O fenômeno parece ser um caso de aquisição imperfeita do sistema da língua, que se encontra também em outras variedades orais e escritas⁴⁷, não sendo plausível, por motivos extralingüísticos, supor um relacionamento com o português quinhentista.⁴⁸ Antes se poderá pensar na possibilidade de esta colocação ter vindo a Moçambique e Angola pela própria linguagem popular portuguesa, onde, segundo Leite de Vasconcelos, o fenômeno também aparece.⁴⁹

5. Emprego das preposições

No âmbito das preposições notamos

1º) a omissão de preposições e

2º) a extensão da área de emprego da preposição *em*.

5.1 A omissão de preposições

A preposição é omitida:

1º) *em locuções perifrásticas*:

– com o preposição *a*:

- (81) É verdade que a barriga *está* [a] doer (Vieira 1963, 18)
 (82) Marcelina *anda-me* [a] chatiar. (Vieira 1963, 28)
 (83) Verdade eu *fiquei* [a] dormir (Vieira 1963, 32)
 (84) [...] uns *chegam* [a] ficar mesmo sem eles (Tempo, 530, 44)
 (85) [...] o mulato *continuou* [a] vir buscar Delfina. (Vieira 1963, 26)
 (86) O calor *começava* já [a] fugir com medo da noite. (Vieira 1963, 27)
 (87) [...] *desatou* [a] chorar [...]. (Vieira 1963, 35)

– com a preposição *de*:

- (88) Maneco comia, [...] mas não *parava* [de] falar. (Vieira 1963, 12)
 (89) [...] Zeca Santos [...] *escapou* [de] escorregar no chão. (Vieira 1963, 12)
 (90) [...] todas as pequenas *gostavam* [de] lhe gozar [...]. (Vieira 1963, 21)

2º) nos *objetos indireto e preposicional*:

– com a preposição *a*:

- (91) [...] o calor [...] *obrigava-lhe* [a] andar com depressa. (Vieira 1963, 23)
 (92) [...] conversa [a] que nem *d'eu importância* (Vieira 1963, 33)

– com a preposição *de*:

- (93) [...] esse bicho não *gosta* [de] água da chuva. (Vieira 1963, 19)
 (94) [...] ele *tinha raiva* [d]essas orelhas. (Vieira 1963, 21)
 (95) [...] aquele feitio [de] que as pessoas que lhe conheciam *tinham* receio.
 (Vieira 1963, 13)

– com a preposição *em*:

- (96) [...] não *pensar* mais [n]o corpo velho (Vieira 1963, 17)
 (97) [...] *falou* também [n]as miúdas. (Vieira 1963, 22)

– com a preposição *por*:

- (98) Padre Domingos *perguntou* [pel]o menino. (Vieira 1963, 32)

3º) em *locuções preposicionais*:

(99) *Por causa* [d]essas coisas [...]. (Vieira 1963, 26)

4º) em advérbios compostos:

(100) Os soluços de Zeca Santos enchiam a cubata pequena com uma tristeza que, *pouco* [a] *pouco*, começou atacar vavó. (Vieira 1963, 16)

5º) com o infinitivo adverbial:

(101) [...] as pessoas perguntavam [para] *saber* se saía chuva mesmo. (Vieira 1963, 11)

Consideramos este fenômeno como expressão de uma aprendizagem imperfeita do português pelos falantes aloglotas, que tem a sua base no reduzido valor semântico das preposições nas estruturas em que ocorre a queda.⁵⁰

5.2. Extensão do emprego da preposição “em”

Como no Brasil⁵¹, em Angola⁵² e em Moçambique⁵³ a preposição *em* ocorre em adverbiais de direção, tanto depois de verbos intransitivos (102) - (104), como depois de verbos transitivos (105):

(102) Não te disse para *ir no* sô Souto? (Vieira 1963, 12)

(103) Quando *fosse num* bar, [...], tinha que levar dinheiro trocado. (Tempo 532, 52)

(104) Zeca Santos *arrastou* devagar *até na* porta [...]. (Vieira 1963, 35)⁵⁴

(105) Foi ele que lhe *levou no* Posto. (Vieira 1963, 15)⁵⁵

A profª Guerra Marques (1985: 221/222) explica o fenômeno pela interferência das línguas banto, as quais dispõem de um só prefixo locativo, que designa tanto o *lugar onde*, como o *lugar para onde* ou *aonde*⁵⁶.

O interessante, no entanto, é ver que o emprego da preposição *em* não se limita, no português africano, aos adverbiais de direção, mas se estendeu a outras funções da preposição *a*, como sejam:

– adverbiais de lugar que designam a *proximidade local*:

(106) [...] com a repariga ali *no* lado (Vieira 1963, 27)

– *adverbiais modais*:

(107) [...] e só farra, farra, acordar tarde, sair *nas corridas* até que um dia lhe despediram. (Vieira 1963, 16)

– *objetos preposicionais*, onde *em* ocorre em vez de *a* e *para*:

(108) [...] para convencer a pobrezinha *em* [-a] casar com aquele patrão (Tempo 528, 48)⁵⁷

(109) [...] aponta *na* [- para a] esteira (Vieira 1963, 18)⁵⁸

O caso sensacional, no entanto, é o da preposição *em* indicando o *objeto indireto*, ou seja o dativo latino⁵⁹:

(110) [...] toda a gente deu razão *em* vavó Xixi (Vieira 1963, 11)

(111) [...] não sabia mais o que dizer *em* Delfina. (Vieira 1963, 27)⁶⁰

De maneira acidental, ocorre também um *objeto direto pleonástico* (humano) com a preposição *em* designando o objeto direto:

(112) [...] ela não *lhe* conhecia bem *na* sua amiga [...] (Vieira 1963, 20/21)

(113) Não *lhe* acusa assim à toa, *no* rapaz. (Vieira 1963, 44)

Pensamos que na base da extensão do emprego da preposição *em* está mais uma vez a diferença de estrutura entre o português e as línguas banto. O fato de ter sido a preposição *em* aquela que foi generalizada, pode ser devido à sua sonoridade mais forte, que a torna mais facilmente perceptível para o aloglota do que as preposições *a* e *de* (na sua realização fonética no português moderno).

6. Particularidades em estruturas subordinadas

O estudo das orações subordinadas evidencia uma insegurança geral na expressão da subordinação, que leva a desvios no âmbito

- do uso de conectores (conjunções e pronomes relativos)
- da colocação de pronomes átonos
- do emprego dos tempos e das pessoas no discurso indireto
- da flexão do infinitivo

6.1. A queda do “que”

Um fenômeno tanto angolano como moçambicano é a queda do *que* em todas as suas funções sintáticas, a saber:

1º como conjunção integrante:

(114) o vento parece [que] parou de soprar. (Vieira 1963, 3)

(115) Vavó já sabia [que] Delfina tinha-lhe posto aquela chapada. (Vieira 1963, 34)

2º como conjunção adverbial consecutiva:

(116) [...] depois começou rastejar [que] parecia era sardão (Vieira 1963, 29)

3º em frases clivadas:

(117) E foi nessa hora, [...], [que] Zeca Santos sentiu a cabeçã andar à volta [...]. (Vieira 1963, 16)

4º na construção *ter + espaço de tempo + que*:

(118) [...] tinha mais de dois meses [que] a chuva não caía. (Vieira 1963, 1)

5º como partícula de comparação:

(119) [...] a produção desta campanha representará cerca de oito vezes mais [que] a do ano passado [...] (Tempo, 714, 12)

6º como pronome relativo:

(120) Tinha mesmo cubatas [que] tinham caído. (Vieira 1963, 12)

(121) Não queria acreditar essas coisas [que] estava ouvir. (Vieira 1963, 15)

Esta queda geral do conector *que*, independente de sua função sintática concreta, revela a incompreensão, da parte do aloglota, dos fenômenos de hipotaxe, que tem a sua base na falta de processos análogos nas línguas banto.⁶¹

6.2. Designação da função sintática dos pronomes relativos

Quando, no entanto, o pronome relativo é empregue, a designação da sua função sintática apresenta dois tipos contraditórios de desvios na norma portuguesa.

O primeiro é a *não-designação das funções sintáticas* de objeto indireto (dativo) e de objeto preposicional⁶²:

- (122) Nga Xixi sorria, [...], a lembrar essa conversa [a] que nem deu importância [...]. (Vieira 1963, 33)
- (123) Outro aspecto [para] que gostaria de chamar a atenção dos senhores estudantes é o seguinte. (Tempo 709, 44)

O segundo é a *decumulação*, ou seja uma reestruturação da expressão da função sintática, que consiste em limitar a função do *que* à de uma partícula relativa, que expressa tão somente a subordinação, e expressar a função sintática por meio de um pronome pessoal:

1. de sujeito:

- (124) [...] há uma telefonista *que* quando está de serviço, [...], *ela* diz que: [...]. (Tempo 530, 46)

2. de objeto direto:

- (125) Em Chilembene, existem certas farras *que* não *as* compreendo. (Tempo 438, 5)

3. de objeto indireto:

- (126) [...] abafando suavemente os gritos e choros das criancinhas *que* ainda não *lhes* é possível compreender [...] o valor do trabalho daquelas mães de batas brancas. (Tempo 708, 41)

Como os dois fenômenos têm uma larga tradição nas línguas românicas que remonta até o latim vulgar (Schafroth 1993: 334 e passim), ocorrendo também em Portugal⁶³ e no Brasil⁶⁴, pensamos que se trata de um fenômeno de linguagem popular trazido de Portugal, uma vez que se trata de uma verdadeira reestruturação.

6.3. Designação da função sintática de orações substantivas

Em textos produzidos por pessoas com pouca prática no uso da língua escrita, aparece a preposição *de* com orações integrantes, reduzidas de infi-

nitivo e mesmo substantivos nas funções sintáticas de sujeito, predicativo do sujeito e objeto direto:

1) sujeito:

(127) Com já *é hábito [...] de meterem* sempre 9 pães e não dez [...].
(Tempo 533, 46)

2) predicativo do sujeito:

(128) *A resposta* do pasteleiro *foi de que* não sabia nada do livro [...].
(Tempo 438, 4)

(129) [...] a minha preocupação *era de ter* uma machamba [...].
(Tempo 530, 47)

(130) Uma das vitórias *é da estruturação* da OJM [...]. (Tempo 438, 7)

3) objeto direto:

(131) Além deste Decreto, iria *acrescentar de que*, a palavra “camarada” re-
flete também o espírito amigável [...]. (Tempo 433, 2)

(132) Camarada Tomás, não *esqueça de que* mesmo uma pessoa pode ficar
muito doente [...]. (Tempo 417, 3)

(133) [...] o subscriptor *explica* ao telefonista *de que* pede a linha em Inham-
bana para falar com a Beira [...]. (Tempo 529, 54)

(134) Nesta fase *gritamos* alto *de que* queremos uma sociedade sem explora-
ção do Homem pelo Homem, [...]. (Tempo 417, 3)

(135) Assim *dou a conhecer* aos que não sabem, *de que* na nossa República
Popular de Moçambique, encontra-se exposto o Decreto-Lei nº 16/76
[...]. (Tempo 433, 2)

(136) Como tal acontece, e se assim o fazem esses drogados, não *põem em*
conta de que a droga é um veneno [...]. (Tempo 438, 6)

Mesmo que os diferentes casos mencionados possam ter interpreta-
ções diferentes⁶⁵, eles apresentam uma característica comum que é a de
uma grande incerteza quanto à estruturação do período hipotático.

6.4. Pessoa e tempo no discurso indireto

A mesma insegurança manifesta-se na expressão do discurso indireto, mantendo-se muitas vezes tanto a pessoa gramatical como o tempo do verbo do discurso direto:

(137) Eu perguntei a ela como era possível chegar até em casa dele encontrando-me doente. Ela respondeu *que o senhor não está* doente. (Tempo 682, 45)

A subordinação só vem expressa pela conjunção; não atingiu a pessoa gramatical, nem o tempo do verbo.

Quando a conjunção falta, resulta duvidoso se estamos em frente duma construção paratática com pontuação deficiente na escrita, ou se se trata mesmo de subordinação:

(138) [...] jurei mesmo *meu homem não é terrorista*. (Vieira 1963, 20)

6.5. Emprego dos modos em orações subordinadas

Nas orações subordinadas existe uma tendência para substituir o subjuntivo pelo indicativo, tendência que já foi constatada para a linguagem popular do Brasil.⁶⁶ Isto se refere nomeadamente a

1º orações substantivas subjetivas e objetivas:

– regidas de verbos causativos e volitivos:

(139) [...] *queria* mesmo *que ela sabia* todas as coisas da vida dele [...]
(Vieira 1963, 23)

(140) [...] será importante o condutor *garantir que* os faróis do seu carro *estão* em perfeitas condições [...]. (Tempo 433, 6)

– regidas de predicados avaliativos:

(141) *Pena que não viemos* caçar. (Pepetela 1981, 28)

(142) Imediatamente *se lamentariam de que não sou* igual aos outros.
(Pepetela 1981, 28)

– e regidas de verbos de percepção e comunicação negados e usados na primeira pessoa e no presente:

(143) [...] *nunca ouvimos que se construi* um aparelho capaz [...].
(Tempo 438, 2)

- (144) *Nós não dizemos que as mulheres não devem beber [...].*
(Tempo 437, 2)⁶⁷

2° orações completivas nominais:

- (145) [...] o que fazia sofrer mais era o *medo que* Delfina não ia-lhe perdoar [...]. (Vieira 1963, 33)

3° orações relativas:

– com antecedente negado:

- (146) Acho que *não há nenhum Moçambicano que não sabe* qual é o objetivo da FRELIMO. (Tempo 417, 5)

– sem antecedente:

- (147) *Há quem diz* por aí [...]. (Tempo 438, 6)

4° orações adverbiais:

Em orações temporais referidas ao futuro do presente ou ao futuro do passado e em orações adverbiais condicionais potenciais, o futuro do subjuntivo é substituído pelo presente ou pelo futuro perifrástico do indicativo, fenômeno conhecido da língua popular do Brasil⁶⁸:

- (148) *Quando vou voltar* paro mais para falar com a senhora.
(Vieira 1963, 20)
- (149) *Se aí não consegues*, passa na oficina. (Vieira 1963, 23)
- (150) *Se não vai ter* mais juízo, não vou gostar mais de ti. (Vieira 1963, 20)

5° o período condicional hipotético:

- (151) *Se ela não lhe conhecia* bem na sua amiga Domingas, *podia* ficar pensar muitas vezes um branco tinha-se enganado na porta da cubata.
(Vieira 1963, 20/21)

O emprego do imperfeito do indicativo na oração principal corresponde à linguagem popular de Portugal. O seu uso na subordinada poderia ser interpretado por analogia, dada a falta da categoria do modo nas línguas banto.⁶⁹

Parece-nos justificado ver na generalização do emprego do indicativo antes uma conseqüência de aprendizagem imperfeita pelos falantes aloglotas, do que o efeito da conhecida tendência das línguas indo-européias para a redução de flexões.⁷⁰

6.6 Construções de infinitivo

As construções de infinitivo apresentam dois tipos contrários de desvios da norma quanto à designação do sujeito.

Por um lado, acontece às vezes que o sujeito do infinitivo, distinto do da oração principal, não é designado lexicalmente, ficando a sua identificação escurecida:

- (152) Aquela senhora disse que morava longe da Estação, [...], no entanto, o comboio arrancou sem receber (= sem *ela* receber) o troco, [...].
(Tempo 532, 53)

Por outro lado, como já vimos, no caso de sujeitos idênticos, dá-se a flexão desnecessária do infinitivo.

Finalmente se notam quaisquer tipos de anacoluto, como em

- (153) *Daí haver agora pessoas que* quando assim não são chamadas *ficarem* (por: ficam) aborrecidas, *acharem* (por: acham) que estão a ser insultadas. (Tempo 433, 2),

onde o verbo da oração relativa aparece na forma finita do infinitivo, por contaminação com uma possível estrutura do tipo “*daí as pessoas ficarem aborrecidas*”.

7. Particularidades na topicalização

No âmbito da topicalização, há dois fenômenos a notar. O primeiro fenômeno, que só encontramos em textos moçambicanos, é o da *topicalização mediante a preposição para* de sujeitos que contêm uma oração relativa ou que consistem numa oração relativa sem antecedente:

- (154) *Para um passeante* [...], que vá de carro [...], com certeza que já se terá apercebido do que vou apontar. (Tempo 438, 2)
- (155) *Para quem* se quiser certificar depois do carro ter passado passeie um pouco nas avenidas [...]. (Tempo 532, 50)

Não temos, por enquanto, uma explicação deste processo, ignorando também se tem uma base nas línguas banto.

O segundo fenômeno se dá no caso da *topicalização de constituintes pós-verbais* e de *adjuntos adnominais*. Consiste em colocar o elemento respectivo na forma de sintagma nominal no início da oração, designando-se a sua função sintática por um pronome pessoal ou possessivo, processo que lembra a decumulação do pronome relativo. Acontece:

– com o objeto indireto:

(156) *Mulher dele lhe* nasceu uma menina. (Vieira 1963, 20)

– com objeto preposicional:

(157) *Mais uma senhora* que tinha sido batida, [...], também procederam *com ela* da mesma forma. (Tempo 582, 44)

– com o adjunto adnominal do sujeito:

(158) [...] *ela* como telefonista, que é a *sua* tarefa [...]? (Tempo 530, 469)

- com o adjunto adnominal do objeto:

(159) *Alguns* custa a perceber o dia da *sua* validade. (Tempo 533, 449)

8. Resumo

Resumindo brevemente o exposto, podemos constatar que, em Angola e Moçambique, e sobretudo na fala de pessoas com escolaridade reduzida e na sua fixação escrita, acontecem uma série de desvios, explicáveis

1º as *mais* das vezes como resultado de aprendizagem imperfeita do sistema gramatical português, por vezes com visível interferência de estruturas das línguas banto, produto, portanto, do contato entre línguas tipologicamente diferentes, e

2º em casos mais raros como transferência de elementos do português falado europeu.

A semelhança com fenômenos da linguagem popular e rural brasileira se explica, a nosso ver, pelo fato de, tanto em África como no Brasil, terem sido as mesmas línguas que entraram em contato. A distância no tempo entre a formação do Brasil colonial nos séculos XVI e XVII e a colonização propriamente dita de Angola e Moçambique em fins do século XIX, e o fato de o sistema português ter sofrido, ele mesmo, uma evolução fonético-morfológica e morfossintática naqueles três séculos e meio, explicam que os resultados tenham sido diferentes, em alguns casos, nas duas bandas do Atlântico.

NOTAS

- 1- Cf. Busse / Vilela (1986: 81/82).
- 2- Cf. Gärtner (1994).
- 3- Segundo Châtelain (1988/89: 148) encontramos no quimbundo uma maneira de dizer análoga:

Maji ombiji yakexile mu kwimba, iki: ["..."]
Mas o peixe estava cantando, disse: ["..."]
 ⇒ *Mas o peixe cantou: ["..."]*.

- 4- Esta maneira de expressão não é idêntica ao uso pessoal do verbo *chover*, atestado em Portugal já no século 16 (cf. Silva Dias 1959: 16), uma vez que este vinha ligado à condição de que o sujeito introduzisse no enunciado quaisquer semas não contidos no verbo *chover*, p.ex. qualificações por meio de adjetivos, como em: *Chovia agua meuda*. (Silva Dias 1959, 16) ou que houvesse uso metafórico, como em: *Choviam perguntas*. (Pereira Gomes, s.d., 115)
- 5- Cf. Endruschat / Huth / Dyrba in: Perl 1989: 102.
- 6- Estes predicados em parte têm equivalentes com outros verbos funcionais no português padrão: *pôr explicações* = *dar explicações*; *pôr força a alg.* = *dar força a alg. etc.*; *pôr uma derrota em alg.* = *causar uma derrota a alg.*; *pôr uma mentira* = *dizer uma mentira*; *pôr em conta* = *levar em conta*. Em outros casos correspondem a verbos simples: *pôr queixa a alg.* = *queixar-se a alg.*
- 7- Guerra Marques dá a conjugação do verbo no presente nas três línguas mais importantes de Angola:

Kikoongo:	<i>mono ngiele (eu vou)</i>	<i>betu twele</i>
	<i>ngeye wele</i>	<i>benu lwele</i>
	<i>yandi wele</i>	<i>bau bele</i>
Umbundo:	<i>ame ndipopia (eu falo)</i>	<i>etu tupopia</i>
	<i>ove opopia</i>	<i>ene upopia</i>
	<i>eye opopia</i>	<i>ovo vapopia</i>
Kimbundo:	<i>eme ngizwela (eu falo)</i>	<i>etu tuzwela</i>
	<i>eye uzwela</i>	<i>enu muzwela</i>
	<i>mwene uzwela</i>	<i>ene azwela</i>

- 8- “resultado da ação da língua tupi e das línguas africanas, principalmente destas últimas, sobre o Português” (Chaves de Melo 1946: 79)
- 9- Cf. Cunha 1975, 348: Obriga-nos a terra e o brio. (Miguel Torga)
- 10-Cf. p.ex.: Ribeiro (1956: 642); Pereira (1958 (331); Almeida (1988: 210 e 218).
- 11-Said Ali 1966: 97/98 e Mira Mateus et al. 1983: 317 e 322; 1989: 212 e 225.

- 12-Este emprego, como se sabe, já encontrou ampla guarida na literatura de ficção, para se caracterizar a fala de certas camadas sociais: *Tu encontrou o homem na rua, não foi?* (Guarnieri, Blacktie, 30), *Tu sabe fazer conta?* (Amado, Tereza, 132), *Tu já esqueceu?* (Amado, Tereza, 192).
- 13-Note-se que este emprego ultrapassa de longe os casos admitidos, embora com frequência cada vez mais rara na língua literária (Celso Cunha 1975: 332), pela norma culta, que admite a flexão:
- 1) quando há um constituinte mais comprido entre verbo auxiliar e o infinitivo: *Continuaremos nós todos, uns mais do que outros, mas todos, a sermos indignos da herança anterioriana [...]*. (Mundo Literário, citado em Sten 1952: 116)
 - 2) quando há um segundo infinitivo coordenado ao primeiro mas separado deste pelos complementos dele: *E se não queres voltar para Lisboa e acabares internado [...] aceita a ideia*. (Silva 77, 212), casos que naturalmente também acontecem em África: *Devemos conhecer esses artistas, irmos ao encontro deles e não marginalizá-los como está suceder*. (Tempo 508, 57); *[...] poder-nos-iam ajudar os funcionários da Empresa Caminhos de Ferro de Moçambique-Sul, deitarem água nos tanques das carruagens [...]*. (Tempo 528, 46); *[...] teremos que comprar novos fogões para podermos cozinhar, e deitarmos os velhos fora [...]?* (Tempo 533, 33).
- 14-Júlio Moreira (*Estudos de Língua Portuguesa*. 1ª série. Subsídios para a sintaxe histórica e popular, 2ª ed., Lisboa 1922) só menciona o fenômeno como existente no Brasil; e Malaca Casteleiro (*Aspectos da Sintaxe do Português Falado no Interior do País*, BF XXIV (1975) 57-74) não o menciona.
- 15-Cf.: *Num faiz isso, menino!* (Chaves de Melo, 1946, 82) e *Minha mulata, não foge não. Não despreza, mal trata o meu pobre coração*. (Folclore brasileiro)
O emprego do indicativo em orações imperativas negadas em diálogos na língua literária desde o Romantismo foi comentado por vários autores: A. Nascentes: *O Idioma Nacional*, Rio: Livraria Acadêmica, 1960: 260; Cândido 28/29; Sílvio Elia: *A Contribuição Lingüística do Romantismo*, in: *Ensaio de Filologia*, Rio: Livraria Acadêmica, 1963, 56/57)
- 16-Idem: *tinha levantado* (Vieira 1963, 13), *nga Tita despediu outra vez* (Vieira 1963, 21), *não deu conta* (Vieira 1963, 22), *dirigiu no grande balcão* (Vieira 1963, 24), *habituado no escuro* (Vieira 1963, 31)
- 17-Nos matos da costa *tem* muito pau brasil [...], e *tem* mais muita cera, mel e assucar. (Fernão Mendes Pinto, in: *Silveira Bueno* 1967, 196); idem: *Nascentes* 1953: 163; Chaves de Melo 1970: 102 e 1975: 63.
- 18-Paiva Boleo, *Brasileirismos*, 35, apud *Nascentes*; *Nascentes* 1953: 163; *Silveira Bueno* 1967: 196; Chaves de Melo 1975: 61-63.
- 19-Cf. Perl (1989: 38): “es kann angenommen werden, daß bereits im 16. Jh. sich ein vereinfachtes pidginisiertes Handelsportugiesisch entwickelte, das in einigen Gebieten später eine Stabilisierung als Kreol erfuhe. Das massive Vordringen des europäischen Standardportugiesischen geschah erst am Ende des 19. Jh. mit Beginn

- der verstärkten Besiedelung der portugiesischen Kolonien Angola und Moçambique.”
- 20-Cf. Júlio Moreira 1922: 180; Nascentes 1953: 163; Silva, Baltasar Lopes da 1957: 182; Silva Neto 1963: 159.
- 21-O fenômeno ocorre também no Brasil: *Você nunca me falou que sabia destas coisas.* (Amado, Jubiabá, 311)
- 22-Cf. Seguiet, citado em Fernandes (1958): *agüentar fadigas, humilhações* e Novo Aurélio: *iniciar o regresso.*
- 23-“Aliás, esta não é de todo desconhecida em Portugal. Dela existem exemplos em bons escritores lusitanos. Francisco Fernandes, em seu *Dicionário de Verbos e Regimes*, transcreve passagens extraídas a Garrett, Herculano, Camilo e Gonçalves Viana.” (Lessa 1966: 95)
- 24-Cf. Lessa 1966: 95/97.
- 25-Idem: [...] *a Direcção Distrital dos C.T.M. de Vilanculos poderia **propor** à Direcção máxima **para haver** uma linha telefónica para a Beira, [...].* (Tempo 529, 54); [...] ***recomendei** a um colega [...] **para que me comprasse** lá e me trouxesse uns três sacos deste produto.* (Tempo 708, 38); ***Apelo** ao proprietário desta **para que tome** providências [...].* (Tempo 529, 52); [...] *mesmo que **lhe avisava para guardar** ainda um dinheiro [...].* (Vieira 1963, 16);
Também ocorreram, como em Portugal, *dizer para que* (Tempo 707, 45) e *pedir para que* (Tempo 529, 54; Vieira 1963, 15). Para o Brasil, Lessa menciona os seguintes verbos: *pedir, dizer, falar, suplicar* colhidos na literatura modernista.
- 26-Em “*Isto tudo são vitórias*” o verbo *ser* concorda com o seu predicativo.
- 27-Cf. a explicação dada por Nascentes (1953: 164) “*Habere* [...] Passou a fazer as vezes de *existir*, mas aí então a razão semântica entrou a prevalecer sobre o antigo uso e apareceu o plural.”
- 28-O caso é conhecido também em Portugal (J. Leite de Vasconcelos, Opúsculos, 1928-31, I, 451; II, 291; Júlio Moreira; 1922: 69/70) e no Brasil (Cf. Nascentes 1953: 163; Lessa 1966: 78).
- 29-Outros casos, isolados, do mesmo fenômeno, são:
alertar a alg. contra a/c. por analogia com *dizer a alg.*: *Alerto às estruturas de Nampula, [...] contra a exploração no bar “OLHO”.* (Tempo 508, 59);
confiar alg. a + fazer a/c. por analogia com *chamar, intimar, convidar alg. a + fazer a/c.*: *Qualquer moçambicano que for confiado a controlar quaisquer coisas do Povo deve manter respeito com elas [...].* (Tempo 417, 5);
facilitar alg. + fazer a/c. por analogia com *deixar alg. + fazer a/c.*: [...] *para que facilite seus elementos comprar o pão [...].* (Tempo 437, 3);
eliminar com a/c. por analogia com *acabar com a/c.*: [...] *para eliminar com esta dificuldade* (Tempo 709, 44);

- insistir a alg. que faça a/c.** por analogia com *pedir a alg. que faça a/c.*: *Aí foi ter com uma servente, [...] a quem insistiu que lhe fizesse o tratamento.* (Tempo 682, 46);
- levar com que** por analogia com *levar a que*: *Esta situação levou com que houvesse uma reunião [...].* (Tempo 703, 40);
- repercutir-se a a/c.** por analogia com *estender-se a a/c.*: *O exemplo daquela senhora deve-se repercutir a todos os trabalhadores.* (Tempo 708, 39)
- 30-O fenômeno ocorre também no Brasil. Cf. Rodrigues 1974: 200: “*Dai arrumaram um carrinho, pegaram eu, levemo na cidade, fomo aproveitar examinar eu e levar o menininho de remédio também. Aproveitemo batizar ele naquele dia.*”
- 31-1) *assistir a a/c.* = *presenciar, estar presente*
2) *assistir alg.* = *prestar socorros a alg.*
- 32-O fenômeno também se dá no Brasil.
Lessa, reconhecendo embora a maior frequência da construção preposicionada na literatura modernista, cita exemplos como *assistir morte de filho* (Carlos Drummond de Andrade), *assistir os últimos momentos* (Diná Silveira de Queirós), *assistiu tudo* (Raquel de Queirós) etc. (Lessa 1966: 214 - 219)
- 33-Cf. Chaves de Melo 1946: 79/80; Nascentes 1953: 81; Silva Neto 1963: 152; Rodrigues 1974: 53-55
- 34-“O resultado da ação da língua tupi e das línguas africanas, principalmente destas últimas, sobre o Português foi a simplificação das flexões verbais e nominais (número) que se nota na linguagem popular brasileira.” (Chaves de Melo 1946: 79)
- 35- “[...] o frisante fato, que representa vestígio do crioulo colonial, do desaparecimento da flexão numérica por meio de -s: *os livro, as mesa.*” (Silva Neto 1963: 152)
- 36-Cf. Rodrigues 1974: 55: *A roupa meu nenhum servia. A mãe meu vinha tratar do menino. Aquele coisa estufado. Avó meu lidava ali comigo.*
- 37-Silva Neto (1963: 35) : *un feças, quanto mãanza, minina premozo, esso zente, Rei podrorozas* etc.
- 38-Silva Neto (1963: 40) : *esse gente, meu banda, esse casa, esse viola, minha boio.*
- 39-Endruschat (in Perl 1989: 108) cita o exemplo:
mutwa we - sua cabeça / cabeça dele / dela
e diz: “Da das grammatische System des Portugiesischen durch die Konstruktionen mit *dele(s) / dela(s)* die Möglichkeit der enklitischen Stellung bietet, werden diese Konstruktionen durch die Sprecher von Bantusprachen deutlich bevorzugt.” (loc.cit.)
- 40-apud Elia 1963: 132.
- 41-Segundo Mattoso Câmara, apud Elia 1963: 132, o fenômeno é também conhecido no Brasil.
- 42-O pronome *lhe* passou, portanto, a designar:
1º o objeto direto anafórico
2º o objeto direto no tratamento direto

- 3º o objeto indireto anafórico
 4º o objeto indireto no tratamento direto
- 43-Uma construção parecida, com o segundo pronome tônico, encontra-se na linguagem rural brasileira:
Jesus me atencou eu. (Rodrigues 1974: 202)
- 44-Guerra Marques (1985: 222/223)
- 45-Cf. Laban 1980: 57/58.
- 46-“ Reparemos ainda no seguinte: o pronome pessoal complemento direto ou indireto em kikoongo, umbundo e kimbundo não ocupa a mesma posição que ocupa na língua portuguesa, pois que naquelas línguas o pronome antepõe-se ao verbo, contrariamente ao que acontece na língua portuguesa em que a posição do pronome é no fim do verbo. Assim, é também frequente ouvir-se dizer: *eu lhe digo por eu digo-lhe.* [...] Exemplo:
- Kikoongo: Kwa bau lun'disi mbongo zame
 Eu *lhes* dei o meu dinheiro a guardar
- Umbundo: olusolo lwa kuvalula
 a bala *te* feriu
- Kimbundo: mwene wa mu bana
 ele *lhe* deu (Guerra Marques 1985: 222/223)
- 47-No Brasil, hoje já aparece em linguagem científica: *Derivaria-se: ...* (Pinheiro Lobato, Sintaxe Gerativa, 302)
- 48-“ E foi só pelo século XIV que se tomou essa heróica resolução para a colocação normal, pois que até então coexistiam: *será-vos d'excusar* (Can.D. Din., 20) = *direi-vos hua rem* (ib., 288) = *tornarey-me entam* (S. Graal, 18) [...]. Said Ali 1966: 54.
- 49-“La tmèse, qui s'observe au futur et au conditionnel, dans la langue littéraire moderne, dans des expressions comme “*dir-te-ei*”, “*ir-se-á*”, n'existe pas dans la langue populaire: *direi-te, irá-se*” . (Leite de Vasconcelos 1987: 122)
- 50-Os casos análogos na linguagem popular ou rural do Brasil como *Comecei tussir.* (Jesus, Quarto, 13), *Começou chover.* (Jesus, Quarto, 30) e outros, consideramo-los como resíduos de um processo análogo ocorrido no semi-crioulo da hinterlândia no Brasil-Colônia e corrigido depois em contato com o português das classes médias das cidades.
- 51-Segundo o prof. Sílvio Elia, na língua literária do Romantismo brasileiro ainda é fenômeno excepcional (cf. Elia 1963: 76/77), mas tornou-se frequente com o Modernismo (cf. Elia 1963: 117)
- 52-Guerra Marques 1985: 221/222.
- 53-Gonçalves 1985: 248
- 54-Idem: *chegou na estrada* (23), *fugir no mar* (18), *subir no céu* (35), *ir no caixote* (14), *ir na escola* (28), *ir na missa* (32), *saiu na Baixa* (14), *correu no canto* (31),

dirigiu no grande balcão (24), *encostou bem na parede* (33), *tinha chegado na cubata* (12) (Vieira 1963)

55-Idem: *varrer a água no pequeno quintal* (Vieira 1963, 12), *lhe deitar no colo* (Vieira 1963, 16)

- | | | |
|---------------|-----------------------------|-----------------------------|
| 56- Kikoongo: | <i>ngiele ku nzo</i> | (vou para casa) |
| | <i>ngina ku nzo</i> | (estou em casa) |
| Umbundo: | <i>eye wenda konjo</i> | (eles vão para casa) |
| | <i>eye okasi konjo</i> | (eles estão em casa) |
| Kimbundo: | <i>mwene wamuia ku bata</i> | (ele vai para casa) |
| | <i>mwene wala ku bata</i> | (ele está em casa) |

(Guerra Marques 1985: 221)

57-Idem: *se dedicam na alfabetização* (Tempo 438, 7), *limitando-se em pedir desculpas* (Tempo 533, 44)

58-Idem: *olhavam em Zeca* (Vieira 1963, 14), *virou a conversa no assunto* (Vieira 1963, 22), *para lhe mudarem no escritório* (Vieira 1963, 28)

59-Os exemplos são todos angolanos (linguagem dos musseques), mas, segundo Gonçalves, o fenômeno ocorre também em Moçambique: “A preposição *em* tem tendência a sobrepor-se a outras preposições (*a, de, para com*) [...]”. (Gonçalves 1985: 248)

60-Idem: *mães a gritar nos monandengues para sair embora da rua* (Vieira 1963, 12), *o sacrista adiantava apalpar as pernas na namorada* (Vieira 1963, 12), *o que custou em Zeca Santos foi aquela mentira* (Vieira 1963, 21/22)

61-Não tem, portanto, nada que ver com a falta da conjunção em certos tipos de frase na língua literária portuguesa (cf. Figueiredo / Ferreira 1974, 45; Brandão 1963, 33; Cunha 1975, 406) e espanhola (Gili y Gaya 1961, 289; Esbozo 1985, 517).

62-Também ocorre no Brasil: *a casa que eu morei* (Elia 1963, 134); *A senhora se lembra de um batizado em Coelho da Rocha que nós fomos?* (Guarnieri 1966, 69)

63-Cf. Júlio Moreira (1922: 45/46), que cita estes exemplos: *Queria-se ali um homem que este fosse trabalhador.*; *O homem que eu fui com ele*. Cf. também: Schafroth 1993: 332-341.

64-Cf. p.ex.: *Aqui nesta aldeia tem um caboclo que ele é ideal*. (Umbanda. Abertura e encerramento de trabalhos (disco). Rupara Ltda., 2001) e *O homem que eu falei ontem com ele*. (Elia 1963, 133)

65-No sujeito, poder-se-ia pensar em analogia com infinitivos na função de adjunto adnominal (*o hábito de meterem*), no predicativo em contaminação com estruturas do tipo *era de que/de*, tornada extensiva ao predicado nominal (*é a da estruturação*) e no objeto pode ter influído a oscilação que mesmo na norma portuguesa apresentam certos verbos (como *lembrar, esquecer*) entre o regime direto e o preposicional.

- 66-Cf. Chaves de Melo: "O futuro (do subjuntivo, E.G.) [...] tende nitidamente a ser substituído pelo presente do indicativo." (A língua do Brasil, Rio 1946, p. 82)
- 67-Acontece, no entanto, que mesmo em Portugal há falantes que nem sempre respeitam a sutil diferenciação de sentido expressa pelos modos depois de verbos perceptivos negados. Cf. Raposo 1975: 107.
- 68-Cf. nota 67.
- 69-Note-se que às vezes se expressa a posterioridade: *talvez se você ia lhe ajudar, ela ia nos fiar outra vez.* (Vieira 1963, 14)
- 70-Cf. Chaves de Melo 1946: 83.

BIBLIOGRAFIA

- ALI, Manuel Said. *Dificuldades da língua portuguesa*, 6ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1966.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*, 35ª ed. São Paulo, Saraiva, 1988.
- BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte, Universidade de Minas Gerais, 1963.
- BUENO, Francisco da Silveira. *A formação histórica da língua portuguesa*. São Paulo, Saraiva. 1967.
- BUSSE, Winfried / VILELA, Mário. *Gramática de valências*. Coimbra, Almedina, 1986.
- CARVALHO, Felix de. "Sobre os falares crioulos do Brasil". In *Caderno de Letras*, Universidade Federal da Paraíba, nº 4, Julho de 1979, p. 79-92.
- CASTELEIRO, João Malaca. "Aspectos da sintaxe do português falado no interior do país". In *Boletim de Filologia*, Lisboa, tomo 24, 1975, p. 57-74.
- CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1975.
- CUNHA, Celso / CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa, Edições Sá da Costa, 1984.
- DIAS, Epiphânio da Silva. *Sintaxe histórica portuguesa*, 4ª ed. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1959.
- ELIA, Sílvio. *Ensaio de Filologia*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1963.
- ENDRUSCHAT / HUTH. "Interferenz und Sprachwandlungsprozesse am Beispiel grammatischer Strukturen des angolischen Portugiesisch: . In *Lusorama*, Frankfurt am Main, nº 20, março de 1993, p. 50-74.
- ENDRUSCHAT / HUTH / DYRBA. "Portugiesisch Angola". In PERL, Mathias (ed.) *Portugiesisch und Crioulo in Afrika*, Leipzig, Universität, 1989, p. 66-114.
- ENDRUSCHAT, Annette. "Perspectivas de Bilinguismo Nacional na República Popular de Angola e sua problemática no ensino: eine soziolinguistische

- Pilotstudie zum Portugiesischen in der VR Angola". In *Lusorama*, Frankfurt am Main, n° 11, março de 1990, p. 40-45.
- ENDRUSCHAT, Annette. "A língua falada como força motriz do desenvolvimento do português angolano". In *Lusorama*, Frankfurt am Main, n° 12, junho de 1990, p. 63-71.
- ESBOZO. Real Academia Espanola (Comisión de Gramática) (ed.): *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Madrid, Espasa-Calpe, 1973.
- FERNANDES, Francisco. *Dicionários de verbos e regimes*, 4ª ed. Rio de Janeiro - Porto Alegre - São Paulo, Globo, 1958.
- FERREIRA, Carlota da Silveira. "Remanescentes de um falar crioulo brasileiro (Helvécia - Bahia - Brasil)". In *Revista Lusitana*, Lisboa, Nova Série, n° 5, 1985, p. 21-34.
- FERREIRA, Manuel. "Sobre o modo como as línguas maternas foram interferindo no texto literário africano em língua portuguesa". In *Lusorama*, Frankfurt am Main, n° 18, junho de 1992, p. 89-98.
- FIGUEIREDO, J.M. Nunes de / FERREIRA, A. Gomes. *Compêndio de gramática portuguesa*. Porto, Porto Editora, 1974.
- GÄRTNER, Eberhard. "Remarques sur la syntaxe du portugais en Angola et au Mozambique". In *Linguistische Arbeitsberichte*, Leipzig, n° 53, 1986, p. 21-45.
- GÄRTNER, Eberhard. "Der Modus des Verbs in Kompletivsätzen; seine semantischen und pragmatischen Grundlagen und seine Verwendung in den sozialen und regionalen Varianten des Portugiesischen". In *Linguistische Studien*, Berlin, n° 172, 1987, p. 125-136.
- GÄRTNER, Eberhard. "Oraciones adverbiales - ¿dependientes de la valencia del predicado?". In *Verbo e estruturas frásicas / Colóquio Internacional de Lingüística Hispânica*, Porto, Faculdade de Letras do Porto, 1994. (= Anexo VI da Revista da Faculdade de Letras; Série Línguas e Literaturas), p. 171-182.
- GILI Y GAYA, Samuel. *Curso superior de sintaxis española*, 8ª ed. Barcelona, Spes, 1961.
- GONÇALVES, Perpétua. "Situação actual da Língua portuguesa em Moçambique". In *Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo, Actas*, Volume I, Lisboa, ICLP, 1985, p. 243-251.
- MARQUES, Irene Guerra (1985): "Algumas considerações sobre a problemática lingüística em Angola". In *Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo, Actas*, Volume I, Lisboa, ICLP, 1985, p. 205-223.
- HOLM, John. "Creole influence on popular Brazilian Portuguese". In Gilbert, G.G. (ed.): *Pidgin and Creole Languages. Essays in Memory of John E. Reinecke*, Honolulu, 1987, p. 406-429.
- KOSS, A.M. "Sobre um fenômeno da linguagem corrente falada no Brasil (reestruturação do paradigma de conjugação)." (em russo) In *Filologiceskije nauki*, Moscú, 1971, 102-110.
- LABAN, Michel. "Encontros com Luandino Vieira, em Luanda". In *Testemunhos, Entrevistas*, Lisboa, Edições 70, 1980, p. 9-82.
- LEISTE, Doris. "Portugiesisch in Moçambique". In Perl, Matthias (ed.). *Portugiesisch und Crioulo in Africa*, Leipzig: Universität, 1989.

- LESSA, Luiz Carlos. *O modernismo brasileiro e a língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1966.
- MATEUS et al. *Gramática da língua portuguesa*, 1ª ed. Coimbra, Almedina, 1983; 3ª ed. Lisboa, Caminho, 1989.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*, 1ª ed. Rio de Janeiro, Agir, 1946; 3ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1975.
- MELO, Gladstone Chaves de. “A língua padrão do Brasil”. In *1º Congresso Brasileiro de Língua e Literatura*, Rio de Janeiro, Edições Gernasa e Artes Gráficas Ltda., 1970, p. 97-115.
- MOREIRA, Júlio. *Estudos de língua portuguesa. 1ª série. Subsídios para a sintaxe histórica e popular*. Lisboa, 1922.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro, Simões, 1953.
- NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1960.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. Curso superior, 110ª ed. São Paulo, Editora Nacional, 1958.
- PERL, Matthias (ed.). *Portugiesisch und Crioulo in Afrika. Geschichte, Grammatik, Lexik, Sprachentwicklung*. Leipzig, Universität, 1989.
- PERL, Matthias / HUNDT, Christine. “Identidade linguística como contribuição para a identidade cultural: reflexões sobre a linguagem da literatura angolana”. In *Lusorama*, Frankfurt am Main, nº 15, junho de 1991, p. 45-53.
- RAPOSO, Eduardo Paiva. “Uma restrição derivacional global sobre o infinitivo em português”. In *Boletim de Filologia*, Lisboa, tomo 24, 1975, p. 75-293.
- RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões gramaticais*, 6ª ed. Bahia, Progresso, 1956.
- RODRIGUES, Ada Natal. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo, Ática, 1974 (= Ensaio, 5).
- SCHAFROTH, Elmar. *Zur Entstehung und vergleichenden Typologie der Relativpronomina in den romanischen Sprachen. Mit besonderer Berücksichtigung des Substandards*. Tübingen, Niemeyer, 1993.
- SILVA, Baltasar Lopes da. *O Dialeto crioulo de Cabo Verde*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1957.
- SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, 2ª ed. Rio de Janeiro, INL, 1963.
- TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa Editora, 1982.
- VASCONCELOS, José Leite de. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, 3ª ed. Lisboa, INIC, 1987.
